



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO AMAPÁ
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ESTRELA VEG DA CRUZ DE ANDRADE

**IDENTIDADE CULTURAL DO AMAPÁ EM CANÇÕES E LADRÕES DE
MARABAIXO**

**MACAPÁ - AP
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO AMAPÁ
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ESTRELA VEG DA CRUZ DE ANDRADE

**IDENTIDADE CULTURAL DO AMAPÁ EM CANÇÕES E LADRÕES DE
MARABAIXO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal do Amapá como requisito necessário para a obtenção do grau de Licenciada Plena em Letras. Sob a orientação do Professor Dr. Yurgel Caldas.

MACAPÁ - AP
2017

ESTRELA VEG DA CRUZ DE ANDRADE

**IDENTIDADE CULTURAL DO AMAPÁ EM CANÇÕES E LADRÕES DE
MARABAIXO**

Relatório final apresentado à Universidade Federal do
Amapá como parte das exigências necessárias para a
obtenção do grau de Licenciada Plena em Letras.

Macapá, 19 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Yurgel Caldas

Professor Dr. Manoel Azevedo de Souza

Professora Dra. Natali Costa e Silva

DEDICATÓRIA/ AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu orientador, Professor Dr. Yurgel Pantoja Caldas, pela orientação, paciência, conhecimento transmitido, atenção e apoio.

E a todos os envolvidos, pois a caminhada até aqui engloba seres desde o momento que tive a permissão de vir ao mundo.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentado constituiu o levantamento de questões de identidade cultural no cancioneiro popular amapaense, a partir de suas referências religiosas. Com suporte teórico de autores como Bakhtin (2003), Canclini (2006), Costa (2002), Geertz (1989), Piedade (2009), entre outros, a proposta dessa pesquisa qualitativa foi refletir acerca dos mecanismos de construção dessa identidade cultural. Para tanto, usamos dez textos que são cinco canções (aqui referentes à música popular amapaense): “Arraial”, “Festejo”, “Pedra do rio”, “No Laguinho”, “Gogó do nego”, e cinco “ladrões (cantigas) de Marabaixo”: “Nosso folclore, nossa cultura”, “De janeiro a dezembro”, “Terra das Bacabeiras”, “Ciclo do Marabaixo” e “Marabaixinho”. Tal *corpus* é tratado como objetos de análise literário, sendo a via de estudo que norteou a elaboração desse projeto de pesquisa, que teve como foco os registros históricos significativos na transmissão da herança cultural do Amapá, contribuindo para uma formação de identidade cultural no Estado.

Palavras chaves: Marabaixo; Identidade; Religiosidade.

ABSTRACT

The Undergraduate Final Year Project (UFYP) presented constituted the survey of questions of cultural identity in the “cancioneiro popular amapaense”, from its religious references. With the theoretical support of authors like Bakhtin (2003), Canclini (2006), Costa (2002), Geertz (1989), Piedade (2009), among others, the proposal of this qualitative research was to reflect on the mechanisms of construction of this cultural identity. Therefore, we use ten texts that are five songs (here referring to Amapá’s popular music): “Arraial”, “Festejo”, “Pedra do rio”, “No Laguinho”, “Gogó do nego”, and four “ladrões (cantigas) of Marabaixo”: “Nosso folclore, nossa cultura”, “De janeiro a dezembro”, “Terra das Bacabeiras”, “Ciclo do Marabaixo” and “Marabaixinho”. This corpus is treated as an object of literary analysis, being the study route that guided the elaboration of this research project, which focused on significant historical records in the transmission of the cultural heritage of Amapá, contributing to a cultural identity formation in the State.

Key words: Marabaixo; Identity; Religiosity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. MARABAIXO COMO HERANÇA CULTURAL	10
3. MARABAIXO E IDENTIDADE CULTURAL	12
<i>3.1 Abordagem literária dos textos das canções, e ladrões de Marabaixo</i>	<i>13</i>

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Há no Estado do Amapá um grande repertório de canções populares e de ladrões de Marabaixo – estas geralmente de difícil acesso, considerando que algumas canções populares chegam a nós por meio rádios que ainda se preocupam com a repercussão da cultura musical local, como por exemplo a Rádio Universitária¹. Já os ladrões (cantigas de Marabaixo) são basicamente restritos às festividades do Marabaixo, geralmente tendo um contexto religioso.

O Marabaixo é uma dança de origem africana trazida pelos negros escravizados vindos da África para o Amapá, sendo atualmente a maior manifestação cultural do Estado. Uma das festividades do Marabaixo é o seu ciclo anual, que se inicia após a Semana Santa, manifestado nas comunidades negras, com homenagens ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, onde o culto religioso se mantém vivo, com os rituais religiosos que se iniciam no domingo de Páscoa, sempre com homenagens à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo, como mostra o calendário abaixo:

CALENDÁRIO DO CICLO DO MARABAIXO	
Domingo de Páscoa	Realização da Missa
Cortação do Mastro (no sábado, cinco semanas após a páscoa)	Corta-se o mastro, e então é deixado nas proximidades da casa do festeiro, como preparação para o outro dia.
Domingo do Mastro	Com a bandeira do Divino e da Santíssima Trindade, os adeptos dirigem-se para buscar o mastro e levá-lo à casa do festeiro, onde será guardado.
Quarta-feira da Murta	Tiram a murta na quarta-feira a tarde após o domingo do Mastro e a guardam para enfeitar o mastro no dia seguinte.
Quinta-feira da Hora:	Enfeitam o mastro do divino com os galhos da murta e a bandeira pela manhã. Em seguida, é realizada a "Levantação do Mastro".
18 dias de ladainhas	Após a quinta-feira da Hora, rezam ladainhas durante 18 dias em homenagem ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, na casa do festeiro.
Sábado do Divino Espírito Santo:	À noite, nove dias após a Quinta-feira da Hora, há a festa dançante.

¹ A Rádio Universitária FM, 96,9 é uma emissora de Radiodifusão em Frequência Modulada – FM, de responsabilidade da Fundação Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), *campus* Marco Zero do Equador, de produção e programação educativa, artística, cultural, científica e informativa, com promoção da cultura nacional, estimulando a produção regional e a produção independente (RESOLUÇÃO 040/2015 DE 21 DE DEZEMBRO DE 2015 – Regimento Interno da Rádio Universitária).

Domingo do Divino Espírito Santo	Segue-se mais uma semana de ladainhas.
Sábado da Trindade:	Reúnem-se na casa do festeiro para festejar.
Domingo da Trindade:	Manhã: missa. Tarde: quebra da murta. Noite: ladainha em louvor à Santíssima Trindade.
Segunda-feira do Mastro:	A contar das 6 horas, começam a cavar um buraco na frente da casa do festeiro, ornam-se o segundo mastro de murta da Santíssima para levantá-lo ao lado do mastro do Divino. Seguem então com a dança do Marabaixo.
Domingo do Senhor:	Marca o término do ciclo anual do Marabaixo com o ato de derrubada do Mastro.

Adaptado de <https://sites.google.com/site/marabaixoecultura/o-ciclo-do-marabaixo> (acesso em 12/05/2017).

Festividade de tradição no Estado do Amapá, momento de expressão de fé, herança passada de geração a geração aos membros das comunidades afro-amapaenses, conhecimento que se estende a toda comunidade amapaense, já que a festa é aberta a todos os públicos, o Marabaixo inclui também a participação de turistas nacionais e de outros países. O Marabaixo, neste trabalho, será abordado como elemento que compõe uma identidade cultural para o Estado do Amapá, a partir de suas referências religiosas.

Em alguns ladrões (cantigas) de Marabaixo, pode-se observar a riqueza dos textos, as memórias ali registradas, a experiência de nossa história, por vezes ouvidas apenas ao vivo ou em gravações artesanais de áudios. Por isso, a proposta desta pesquisa é olhar com atenção cada verso, fazer esse registro escrito, até porque há compositores de ladrões, por exemplo, que não sabem ler e nem escrever, mas isso não os impede de compor, como por exemplo a Josefa Lina da Silva, umas das pioneiras do Laguinho, carinhosamente conhecida como Tia Zefa, importante compositora de ladrões de Marabaixo. A partir dessa variada forma de registros, a análise literária, tanto das letras de música quanto dos ladrões de Marabaixo, considerando suas referências religiosas, constitui a importância dessa análise para entender os mecanismos de construção da identidade cultural do Amapá.

A priori, foi necessário entender os conceitos de canção (música popular amapaense) e de ladrão de Marabaixo (cantigas de cunho oral), para então selecionar os textos que serão analisados, recorreu-se então ao conceito de Costa (2002, p. 107), que explica: “A canção é

um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é o resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia)”.

A partir do trecho acima, entende-se que na canção há a relação da linguagem verbal com a musical perfazendo a integração da palavra com o canto. Com essa abordagem, trabalhar uma canção vai além de apenas ouvir as palavras, o canto e seus sons, pois ela oferece também a possibilidade de conhecer nossa história, preservar nossas memórias, possivelmente mudar até mesmo nossa forma de pensar, falar e agir.

Partindo para o conceito de ladrão de Marabaixo, Videira (2009) informa que se trata dos versos da cantiga, que recebem a denominação de *ladrão*, o qual, por sua vez, consiste em versos improvisados que têm como finalidade fazer uma crítica ou exaltação a partir de algum acontecimento. Mas também o *ladrão* pode ser versos de agradecimento, lamento ou ironia, ridicularizando fatos ocorridos no cotidiano da comunidade e nas relações em sociedade.

Buscar conhecer a cultura de seu povo é querer compreender os mecanismos de construção de sua identidade cultural. Nesse sentido, Geertz (1989, p. 9) afirma que “a cultura é pública porque o seu significado o é”. Desse modo, toda comunidade tem sua cultura, dentro da qual está a religião, pois muitos têm necessidades espirituais. Assim, os textos das canções da música popular amapaense e dos ladrões (cantigas) de Marabaixo utilizados nesse trabalho podem servir como registros históricos significativos na compreensão e na transmissão da herança cultural do Amapá, a partir de suas referências religiosas.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se a pesquisa qualitativa, com o objetivo de interpretar os textos e compreendê-los em seu contexto. Tomaram-se os seguintes textos das canções “Arraial” (Fernando Canto e Nivito Guedes), “Festejo” (Joel Elias), “Pedra do rio” (Osmar Júnior), “No Laguinho” (Paulo Bastos), “Gogó do nego” (Joãozinho Gomes e Zeca Baleiro), e os ladrões de Marabaixo: “Nosso folclore, nossa cultura” (Comunidade Mazagão Velho), “De janeiro a dezembro” (Vera Maria N. Silva), “Terra das Bacabeiras” (Daniela Ramos), “Ciclo do Marabaixo” (Comunidade Mazagão Velho) e “Marabaixinho” (Raimunda S. Silva). Com o fito de fazer a análise literária desses textos, foi necessária uma abordagem acerca das questões de identidade cultural, a partir de referências religiosas, para justificar a condição cultural do Amapá por meio das canções e dos ladrões de Marabaixo.

2. MARABAIXO COMO HERANÇA CULTURAL

No período escravocrata, no Brasil economicamente dependente da produção de açúcar, muitos negros foram trazidos ao país na condição de escravos para trabalharem nas lavouras de engenho, onde eram maltratados, sem qualquer direito a saúde e educação, eram vendidos como mercadorias, viviam em situações desumanas, em senzalas sujas, sem o mínimo de conforto, acorrentados para impedir fugas e sofriam cruéis castigos. Nesse contexto,

uma das proibições foi ao culto religioso, os negros foram reprimidos na sua fé religiosa, então, não tiveram alternativa senão a de valer-se do sincretismo religioso para continuar o culto aos seus santos. E daí, naturalmente, surgiu o Marabaixo, com um lado religioso, o culto ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade e um lado profano, a dança, a bebida, a música etc (MARTINS 2012, p. 32).

Os negros foram proibidos de praticar seu culto religioso, mas mesmo assim não deixaram de praticar seus ritos de origem africana, expressando sua religiosidade e cultuando, por exemplo, o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade. Na verdade, essa era uma estratégia que poderia garantir o culto de entidades africanas no Brasil colonial, devido ao fato de os escravos serem obrigados a seguirem os ritos católicos².

Dentre os elementos culturais, as canções e os ladrões de Marabaixo podem ser ferramentas indispensáveis no processo de aquisição de conhecimento, pois permanecem em nossa memória de maneira, muitas vezes, espontânea, involuntária e por meio dos quais se pode transmitir a cultura de um lugar, de um grupo, além dos modos de expressão de cada região.

As letras das canções e os ladrões de Marabaixo aqui analisados, tendo em vista a identidade cultural a partir de referências religiosas, são registros da memória cultural de um povo, concebida com o conhecimento de várias gerações. Essas canções e esses ladrões de Marabaixo são expostos através de uma análise literária dos respectivos textos, da seguinte maneira: inicialmente, procedeu-se a escolha da canção e do ladrão de Marabaixo, os textos orais foram transcritos e, logo após, houve a identificação do seu contexto histórico e social, a determinação do tema para melhor compreender e interpretar o referido texto. Tal acervo

² No Brasil Império, era recomendável ser católico no Brasil conforme o Título I, Art.5º da Constituição Política do Império do Brasil, que considera que a Religião Católica Apostólica Romana continuaria a ser a religião do Império, e para todas as outras religiões havia permissão somente ao culto doméstico e particular, sem a ereção de templos (Constituição Política do Império do Brasil / Carta de Lei de 25/03/1824). Mas, como dito anteriormente, os negros não tinham direitos, casas ou permissão para fazer algo de sua própria vontade; logo não havia permissão aos negros para cultos domésticos, levando-os a conciliarem então suas tradições religiosas com os princípios católicos, o que deu vazão ao chamado sincretismo religioso.

constitui material significativo de inegável valor para registro memorialístico a ser preservado por representar a cultura amapaense; desse modo, não podemos ignorar ou desconsiderar suas manifestações, obviamente presentes nas canções e nos ladrões de Marabaixo, que são performatizadas na expressão cultural de certo movimento cultural e identitário de raízes africanas no Estado do Amapá.

Tais canções e ladrões de Marabaixo, transmitidos oralmente ou por outros meios como a circulação das músicas em rádios, shows musicais ou gravações em diversas mídias, são valiosos ao fortalecimento das relações entre as pessoas e comunidades do Estado do Amapá. Laraia (1932, p. 72) afirma que “o homem tem despendido grande parte da sua história na Terra, separado em pequenos grupos, cada um com a sua própria linguagem, sua própria visão de mundo, seus costumes e expectativas”. Esses aspectos podem ser evidenciados através das canções populares e dos ladrões de Marabaixo, pois os mesmos criam uma rede de transmissão de tipos distintos de conhecimento e de modo de vida, o que permite uma reflexão a respeito de nossa historicidade e dos mecanismos de construção da identidade cultural que justifique a condição cultural do Amapá.

A pesquisa se deu alicerçada na análise literária dos textos, das frases utilizadas nas canções e ladrões de Marabaixo, a partir do viés religioso presente, para compreender como o Marabaixo contribui para uma formação de identidade cultural no Amapá, sem negligenciar o choque entre a igreja católica e o Marabaixo. Sobre tal conflito, Canto (1998, p. 28-29) considera que

Com a chegada dos primeiros missionários do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras – PIME, em 29 de maio de 1948 revelam-se as relações entre a Igreja e o Governo, cujo sistema é fortalecido ideologicamente e percebe-se, a partir daí, o enfraquecimento da cultura negra local, especialmente as festas populares entre as quais o marabaixo [...]. Terminantemente os padres proibiram a entrada dos negros na Igreja de São José e se recusavam a rezar missa por ocasião dos festejos populares do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade.

A visão preconceituosa em relação aos cultos de origem africana, como se o culto dos negros fosse inferior aos cultos católicos praticados pela tradição branca europeia, não é um fato recente, pois no passado ficaram evidentes as imposições da igreja católica aos negros, para torná-los adeptos das suas ideologias como forma de mantê-los sobre seu poder, visando interesses na relação entre a igreja católica e o governo da época. Em meio a tantas proibições, houve então o enfraquecimento da cultura negra local, pois, mesmo se adaptando à nova cultura do lugar, os negros não deixariam por completo a cultura do seu lugar, visto que a resistência dos escravizados acarretava em mais proibições, como a citada a de entrar na

igreja e, conseqüentemente, a negação de se rezar a missa nos festejos populares, tentando de todas as maneiras fazer o negro se desfazer de suas crenças e de seus ritos de origem africana.

A visão da igreja católica em relação ao rito de cunho religioso, devido ao seu lado profano, que considerava imoral, é apresentada por Canto (1998, p. 32) nos seguintes termos:

Interesses contrários entre os dois coexistem (Igreja e Marabaixo) dialeticamente, porém a Igreja, que vê a manifestação popular como algo profano e imoral, procura na medida do possível extirpar aos poucos os valores culturais através do discurso moralista e ideológico para que possa prevalecer a hegemonia e dominação.

Tal informe confirma, uma vez mais, a visão preconceituosa da igreja católica sobre os ritos e a cultura dos negros. Assim, a religião foi usada para instituir e consolidar sua ideologia na tentativa de “arrancar” as raízes culturais africanas, dentre elas, a religiosidade, por ver o Marabaixo como manifestação profana e imoral, pelas suas práticas religiosas de matrizes africanas. Tal movimento da igreja também se esforçou em demonstrar o domínio sobre o povo negro, que sempre mostraria resistência para tentar garantir autonomia de expressão cultural, de maneira geral, e seus ritos de origem africana, como no caso do Marabaixo.

Vale ressaltar que os conflitos são presentes também na atualidade, pois Coelho (2015) explica que entre a Igreja Católica e os grupos de Marabaixo nota-se uma relação de poder entre classes dominantes sobre classes e manifestações consideradas subalternas. Para a referida autora, não se trata somente de uma imposição cultural, mas da predominância de comportamentos sociais que refletem a hegemonia instituída na sociedade.

3. MARABAIXO E IDENTIDADE CULTURAL

Os negros trazidos para trabalhar na Amazônia, na condição de escravos, trouxeram consigo a sua cultura, seus costumes e não se desfizeram de sua história, de sua religiosidade, construindo sua identidade cultural em território amapaense. Uma noção ampla de *cultura* abarca os costumes, a religião e os registros que precisam ser repassados para transmitir (comunicar) conhecimento às futuras gerações, pois não há comunicação sem cultura. Assim, conforme Kellner (2001, p. 53),

Toda cultura, para se tornar um produto social, portanto “cultura”, serve de mediadora da comunicação e é por esta mediada, sendo, portanto, comunicacional por natureza. No entanto, a “comunicação”, por sua vez, é mediada pela cultura, é o modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação.

Os meios de comunicação colaboram no processo de transmissão de informações, sendo fundamentais para divulgar os trabalhos desenvolvidos a respeito do resgate da nossa história, os eventos culturais. Para que todos tenham oportunidade de acessar esse conhecimento, a cultura precisa ser disseminada. Eis a tarefa da comunicação.

Através das letras do cancionário popular amapaense, que possui clara influência do Marabaixo, podemos obter e registrar a identidade cultural de um povo. Para Canclini (2006, p. 190), “ter uma identidade seria, antes de tudo, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade onde tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável”.

Nesse sentido, muitos textos literários retratam a cultura de um meio social, despertando um sentimento de pertencimento no sujeito e na comunidade, o que determina a presença da identidade cultural.

Dentro de um texto, há vários atores envolvidos, histórias retratadas e múltiplos discursos. No texto, as marcas de um povo são mais que uma mera coleção de informações, pois permitem a criação de um percurso imaginário, abrindo espaço para a construção de conhecimentos. Comunicação e cultura estão atreladas, assim como literatura e cultura estão intimamente ligadas, visto que a literatura necessita de um contexto, de uma época que remete a determinado período, ou seja, à história cultural de um povo, como expõe Bakhtin (2003, p. 360): “a literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época”. Sendo assim, o texto é a Literatura e seu contexto, que é marcado por acontecimentos de quem emite o texto.

Nas canções e nos ladrões de Marabaixo, podemos enxergar o retrato da vida de nossos antepassados, sendo úteis a registros históricos de nossa cultura, através da qual é possível entrar em contato com o Marabaixo, que tem forte presença no Estado do Amapá, sendo uma das suas maiores manifestações culturais. Por meio do culto ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, o Marabaixo tem lugar de destaque em nossas tradições, sobretudo do ponto de vista da religiosidade.

3.1 - Abordagem literária dos textos das canções e ladrões de Marabaixo.

Retomando o conceito de canção, visto na introdução deste trabalho (COSTA, 2002, p.107), e considerando o material escrito a partir das canções ouvidas, a letra de cada texto do gênero literário canção, que são textos repletos de sentidos, que alcançam a tarefa de dialogar,

transmitir uma mensagem a quem as ouve, tem o poder de nos informar, pela sua sonoridade, mas, sobretudo, por seu conteúdo temas que iluminam nossa história e constroem nossa identidade cultural.

Partindo para a primeira canção (“Arraial”, composta por Fernando Canto e Nivito Guedes), o título faz alusão ao arraial de São José, que era tradição no Estado do Amapá, fazendo parte da programação religiosa e cultural do povo do Amapá, com festejos em honra ao santo padroeiro de Macapá, São José, no mês de março. O arraial era organizado pela igreja e por instituições parceiras, de que fazia parte toda a população, que se reunia em frente à igreja São José de Macapá, festejando na praça Veiga Cabral, em frente àquela igreja. Esse arraial, após 20 anos que não acontecia, foi resgatado recentemente, em 2013:

Antigamente era muito bom, muitas pessoas se deslocavam de outros municípios para prestigiar o arraial na capital. Agora, depois de tanto tempo, devem ter se desacostumado. A volta permite que os jovens também conheçam essa festa maravilhosa.” destacou a coordenadora da Festa de São José, Maria dos Anjos (<http://www.portalamazonia.com.br/editoria/atualidades/apos-quase-20-anos-macapá-resgata-tradicional-arraial-de-sao-jose/>)

Nos seis primeiros versos da canção “Arraial”:

Chuva castiga os telhados
 Vento balança as mangueiras
 Para os frutos a fome derrubar
 Serpentear entre cantos da procissão
 Bota fé no seu santo
 Que abençoe e proteja esse chão,

podemos notar que a chuva forte é citada, já que o arraial acontece em março, por conta do dia de São José, que é 19 de março, mês chuvoso no Estado. Com vento forte, a procissão é descrita como um ato de “serpentear”: andar, entre os cantos da procissão, com fé no santo, momento que os devotos mostram agradecimento, que pedem bênçãos, proteção, em que o eu-lírico deixa clara a devoção a São José, mostrando a força religiosa que há nos festejos, evidenciando o aspecto religioso que é a forma como mantém a proximidade com o santo, se dando através da procissão a São José, pois participam dela porque têm devoção ao santo.

Nos sete próximos versos que seguem:

Obrigação esta feita
 É hora de alegria e festa
 Brincadeiras, canoinhas
 Raspa-raspa, suco de groselha
 Mulher gorila
 Mão naquilo, mão na mão

Equinócio, pororoca, tradição,

a devoção religiosa é muito presente, fazendo parte da tradição que chega a ser encarada como obrigação a ser cumprida (o lado religioso), não que sejam obrigados a participar da celebração em honras a São José, mas sim porque cada devoto faz essa cobrança a si, enxerga a necessidade de ali se fazer presente e o por quê, mas depois é permitida a diversão, o arraial. Retratado pelo eu-lírico no refrão que segue:

Arraial vou caboquiar³ mulher
 Beijo a moça e o padroeiro São José
 Arraial
 Vou caboquiar mulher
 Lá vem o santo em seu andor trazendo a fé,

sempre enfatizando a religiosidade e a fé, ao mencionar o padroeiro São José, o culto ao elemento religioso católico, a imagem do santo em seu andor. Finaliza então a canção com uma cantiga do folclore popular “Fui passear com a sereia/ Bicho do fundo levou/ Corre sangue pela veia/ No coração deixa dor” – versos conhecidos no estado do Amapá, passados principalmente de forma oral, de geração em geração, que descrevem a sereia – ser lendário, criatura do folclore brasileiro, metade mulher, metade peixe, que, segundo a lenda, possuía um lindo canto sedutor ao homem que o ouvisse, jogando no mar apaixonado em busca da sereia, que no folclore amapaense se chama Iara, conhecida também com a senhora dos rios. Os versos poéticos serviam para alertar sobre os perigos no rio, versos de mesmas características, pequenas cantigas do folclore popular, típicas do Marabaixo, bastante vistas nas canções amapaenses (que aparecem como “música incidental”), marcando assim a influência do Marabaixo.

Partindo para a segunda canção utilizada nesta pesquisa, intitulada “Festejo”, do compositor Joel Elias, percebe-se já de imediato o viés religioso nos versos que iniciam a canção “Corre menino/ Chama o Munjoca/ Hoje é dia do senhor”, revela o aspecto religioso, o dia sagrado, o dia do senhor, o dia para se comemorar, agradecer. Aqui há representantes de grupos de Marabaixo⁴ do Laguinho, entre eles o Munjoca, citado na canção em questão –

³ Caboquiar: termo usado para descrever o ato de cortejar, galantear uma mulher.

⁴ Há muitos grupos de Marabaixo no Estado do Amapá. Podem-se destacar a Associação Raimundo Ladislau e o Grupo do Pavão, no bairro do Laguinho; o Berço do Marabaixo e a Associação Cultural Zeca e Bibi Costa (Azebic), no bairro Santa Rita (antiga Favela); a comunidade de Campina Grande, na zona rural de Macapá. Todos esses grupos são responsáveis por organizar a festividade do ciclo, distribuindo as tarefas dentro de sua comunidade, tudo voltado para a realização da manifestação cultural tradicional.

figura importante para que a tradição de fé e respeito seja mantida, a prática religiosa por afrodescendentes, remanescentes de quilombos, como maneira de agradecer as conquistas alcançadas e renovar os pedidos para seus protetores e seus santos.

Nos versos seguintes, temos: “É tanto devoto/ Levando a bandeira/ Que a trindade abençoou”, onde se percebem mais comprovações da manifestação religiosa católica, a bandeira da santíssima trindade – elemento religioso, o sincretismo religioso, ao citar a Santíssima Trindade, que representa o Pai (Deus), o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo. Geralmente, a Igreja Católica batiza “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, como citado no Ato de fé, uma das principais orações da igreja católica: “Eu creio firmemente que há um só Deus, em três pessoas, realmente distintas: Pai, Filho e Espírito Santo, que dá o céu aos bons e o inferno aos maus, para sempre” (ERLIN [org], 2007, p. 22).

A força das tradições continua por anos, apesar do preconceito social. Mesmo com todos os obstáculos enfrentados no decorrer dos anos, os negros não deixaram de celebrar sua cultura religiosa com missas, novenas, ladainhas, cantos, bebidas, fogos, festividades com muita alegria e devoção, sem esquecer o sofrimento nos anos passados.

Segundo Durkheim (1937, p. 595),

a verdadeira função da religião não é a de nos fazer pensar, de enriquecer nosso conhecimento, de acrescentar às representações que devemos à ciência, representações de outra origem, e de outro caráter, mas de nos fazer agir, de nos ajudar a viver. O fiel em comunhão com seu deus não é apenas um homem que vê verdades novas que o incrêdo ignora. É um homem que pode mais, ele sente mais força, seja para suportar as dificuldades da existência ou para vencê-las.

Nesse sentido, a religião tem forte função social, e o povo negro se apegou para suportar o sofrimento e os maus tratos, continuando a vida através da fé para vencer as dificuldades sempre com a esperança em um futuro melhor, independentemente de preconceitos, que enxergavam o negro como um ser inferior, por isso sem direitos, argumento para a condição de escravos.

Nos versos a seguir:

Bonito o folguedo e festejo
Na casa de tia Biló
Um gole de gengibirra
A dança fica melhor
Um gole de gengibirra
A dança fica melhor,

é retratado o folguedo, festa popular religiosa e o festejo na casa da tia Biló, matriarca do bairro do Laguinho – descendente dos primeiros moradores de Macapá, filha do mestre Julião e prima do mestre Pavão. Tia Biló acompanhou toda a migração das proximidades da igreja de São José para o bairro do Laguinho e para a Favela (atual Santa Rita). Tal migração aconteceu para que o governador Janary Nunes edificasse os prédios públicos e as casas oficiais. Dona Gestrudes e Julião Ramos, figuras importantes para o reconhecimento do Marabaixo como uma das maiores manifestações culturais do Estado do Amapá, dividiram-se para começar a povoar os bairros da Favela e do Laguinho. Cada um foi continuar suas tradições com a família e outros descendentes africanos em outro local. Por ordem das autoridades estatais, eles saíram do centro da cidade de Macapá: dona Gestrudes foi para a Favela (atual bairro Santa Rita) e Julião Ramos, para o Laguinho. Assim ambos os bairros foram povoados.

Na casa da matriarca do Laguinho, tia Biló, a tradição secular dos festejos do Marabaixo permanece, onde as divindades são homenageadas e a oferta para ajudar nos festejos é feita. Lá também estão as imagens que simbolizam o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade com as fitas coloridas de promesseiros. As comidas também são feitas na residência, além da gengibirra⁵. Tal bebida não pode faltar no festejo, juntamente com a cantoria e a dança, tudo é preparado como forma de agradecer as divindades no Marabaixo. Nos versos que seguem,

Entoando a morandandeira
Na boca e na fé do ancião
Chegando com a ladainha
No compasso do coração,

o eu-lírico fala em entoar a “morandandeira”, que é a variação popular de morada. Não se trata somente de sair meramente de entoar o canto, mas de dirigir-se à morada (a casa), com muito respeito pelo ancião, homem de mais idade, respeitado por todos, que é quem chega com a ladainha (oração), levado pela fé e pelo amor à sua cultura. As ladainhas sempre fizeram parte da tradição religiosa do ciclo do Marabaixo, sendo rezadas por 18 dias na casa

⁵ Bebida típica nos festejos do Marabaixo, feita com gengibre, água, açúcar e cachaça. Tida como afrodisíaca, a gengibirra é conhecida por deixar os brincantes aguentarem muitas horas cantando e dançando até amanhecer. Gengibirra: “*Zingiber Karts – Amonun Zingiber, erva cuja raiz é utilizada em bebidas de preferência de alguns orixás e entidades-guias, especialmente no aluá*” (CACCIATORE, 1988, p. 131).

do festeiro após a quinta-feira da hora. Videira (2009, p. 129) esclarece que as “ladainhas são cantadas e parte delas é rezada em latim popular. Os rezadores não são em elevado número”.

O eu-lírico finaliza com os versos “Simbora José com a murta⁶ na mão/ E gira no pé a nossa tradição”, fazendo referência a São José, que é retratado aqui com a murta, geralmente encontrada no Curiaú⁷. Os festeiros colhem galhos da murta para as festividades do Marabaixo, servindo para enfeitar os mastros no dia seguinte. Eles tiram a murta na quarta-feira à tarde, após o domingo do Mastro, e a guardam para enfeitar o mastro no dia seguinte.

Na canção “Pedra do rio” (Osmar Júnior), o eu-lírico refere-se à estátua de São José, elemento religioso que se localiza no rio Amazonas, em frente a Macapá. Já nos primeiros versos:

Pedra do rio
 Que encantava meu povo
 Pureza que o tempo exterminou
 A fé que a água levou
 Pedra do rio rolou
 Em águas, lamas e lamentos
 Meu povo mudou
 O tempo se passou,

é retratada a mudança da paisagem e das tradições, posto que a paisagem de Macapá foi modificada, devido ao desenvolvimento do Estado e de sua capital, o que atraiu muitas pessoas para o Amapá. Com tantas novidades, o monumento Pedra do Guindaste, chamada de “pedra do rio” na canção, parou de encantar. Justo a pedra que foi testemunha de tantos lamentos e demonstrações de fé no decorrer do tempo, com todas essas mudanças, também a fé diminuiu (“a fé que a água levou” – a fé em São José, padroeiro de Macapá).

Ao recorrer à história da velha Macapá, capital do Amapá, o compositor Osmar Júnior nos conta que a velha pedra em que ele brincava quando criança foi derrubada por um barco chamado Santa Maria Liduína, que naufragou na baía do Guajará, no Pará. Depois de derrubada a pedra com a imagem de São José, outra imagem foi erguida e Osmar foi ver de perto, momento em que ele percebeu que Macapá não era mais a mesma, pois a frente da cidade tinha se transformado. Depois disso, alguns anos se passaram e “um salto no tempo” ocorreu. Tal história surge nos versos “Outra pedra surgiu/ Frente aquele horizonte/ Mas ninguém tem mais fé/ Na nova pedra do rio”, em que a pedra (o monumento) é a representação do aspecto religioso, através da qual se mantinha a ligação da cidade com Deus,

⁶ Consiste num arbusto de plantas aromáticas, geralmente encontradas no Curiaú.

⁷ Antigo quilombo de escravos, hoje atual vila do Curiaú, situada nas proximidades de Macapá.

por meio do santo, o padroeiro de Macapá, São José, o José bíblico, esposo de Maria, mãe de Jesus.

Segue-se mostrando o arraial de São José e as procissões em homenagem ao santo da Igreja Católica, como se lê nos versos:

Ao raiar o dia
Tinha romaria
Arraiá que festa
Era noite e dia.

No arraial de São José em Macapá – festividade para homenagear o padroeiro de Macapá com ladainhas, novenas e a procissão pela cidade de Macapá, a tradicional procissão de São José, que não conta somente com a festividade religiosa, mas também com a diversão – antigamente havia barracas em volta da igreja de São José para a venda de comidas típicas, doces e leilões. Atualmente, o arraial voltou a existir, entretanto, com inúmeras diferenças, comparado ao de anos atrás; a festa agora acontece atrás da Igreja de São José.

Finaliza-se o texto com os seguintes versos:

Meu São José da beira-mar
Protegei meu Macapá
São José da beira-mar
Protegei meu Macapá
Nos dê a fé
Nos dê a fé,

deixando clara a devoção a São José que está na beira mar (no rio, na verdade), à frente de Macapá, a quem pede proteção. Nesse contexto, a pedra erguida e respeitada por todos os devotos, evidencia a ligação com o Santo.

Na canção “Gogó do nego”, de Joãozinho Gomes e Zeca Baleiro, o eu-lírico utiliza os versos “Amanhã é dia santo/ Dia de corpo de Deus”, registrando como aspecto religioso o dia santo a ser marcado no calendário pelos fieis, cujo termo “amanhã” indica a tradição existente no calendário católico e alguma expectativa por parte da comunidade.

Assim a canção expõe ainda a questão do preconceito para com o negro e sua cultura, a discriminação pela sociedade branca, no que diz respeito às tradições do povo negro, seus ritos religiosos e vestimenta. No passado, como já vimos neste trabalho, os negros eram proibidos de entrar na igreja por serem vistos como sujos e impuros, não sendo considerados *apresentáveis*, bem vestidos, para comparecerem à igreja. Assim, os negros celebravam suas crenas em lugares improvisados. Como exemplo desse panorama, utilizam-se os versos

“Quem tem roupa vai à missa/ Quem não tem faz como eu”, em que a missa é o elemento religioso católico que faz parte da tradição dos cultos católicos. Mais uma vez, o sincretismo religioso aparece como elemento de amálgama entre cultos diversos em uma única manifestação.

No governo de Janary Nunes⁸, houve o já mencionado remanejamento dos negros para fora do centro da capital Macapá – que as autoridades do município alegavam ser necessário para o desenvolvimento e urbanização de Macapá – também presente na canção “Amanhã eu vou embora/ segunda-feira de aurora”, episódio em que a comunidade negra é remanejada para os campos do Laguinho e para a Favela, atual bairro Santa Rita.

Nos versos “Olha o som nagô/ no gogó do nego/ É mão de santo no bongô”, o eu-lírico fala do som dos nagôs, etnia africana com forte influência na cultura brasileira. O som dos negros nagôs é usado em ritos religiosos para homenagear suas divindades. Por ser uma sonoridade que merece admiração, o ritmo nagô assemelha-se ao instrumento musical bongô, como se estivesse sendo tocado pela mão de santo, ou seja, a perfeição do som é atribuída a uma santidade, para dar-se prova da devoção religiosa.

Examinando a canção “No Laguinho” (Paulo Bastos), os versos “Eu vou fazer minha casa/ Nos campos do laguinho/ Vamos criar uma nova nação” são uma revisão/atualização do ladrão

Aonde tu vai rapaz
Por esses caminhos, sozinho
Vou fazer minha morada
Lá pros campos do Laguinho” (Raimundo Ladislau).

Nessa revisão/atualização, o eu-lírico expõe a migração dos negros para os campos do Laguinho, atual bairro do Laguinho, colocando-a como a “nova nação” (nova comunidade), onde os negros construiriam seu lar, mantendo seus costumes e suas tradições em sua nova morada, já que com o remanejamento eles foram morar fora do centro da cidade de Macapá.

Ao mencionar os versos “Na nossa ceia comeremos pão/ Beberemos vinho/ Pra não esquecer que somos cristãos”, surge uma relação com a santa ceia de Jesus com seus discípulos. Aqui os aspectos religiosos na canção de Paulo Bastos remontam à descrição

⁸ Primeiro governador do Território Federal do Amapá, nomeado em 21 de setembro de 1943, pelo presidente Getúlio Vargas. Janary governou por 12 anos, de 1944 a 1956, e sua gestão definiu Macapá como capital marcada pela urbanização – argumento usado para justificar o remanejamento dos negros para então urbanizar a frente da cidade, espaço nobre à beira do rio Amazonas.

bíblica, na qual Jesus parte o pão e dá aos seus seguidores, simbolizando seu corpo; em seguida, ele oferece vinho como sinal do seu sangue – alegoria da aliança em favor dos judeus na remissão dos seus pecados (Bíblia Sagrada – Mateus 26: 26-29). Dessa forma, comer o pão e beber o vinho são elementos simbólicos das celebrações católicas (missas), que o eu-lírico expõe como a prova de que, mesmo com a mudança de morada, passando a não habitar mais nas proximidades da Igreja São José, os negros não deixariam sua fé, contraditoriamente continuando cristãos. A religiosidade, assim, permaneceria presente e a devoção seria mantida.

Nos versos que seguem:

E se o sol sumir bem de mansinho
Da lua ele quer se esconder
Vai chegando a festa do Divino
Vou cantar ladrão até o amanhecer,

sugere-se o anoitecer como o período do dia em que se inicia a celebração em honra do Divino Espírito Santo – momento tido por muitos como a parte profana do Marabaixo. Por ser a festividade comemorada com muita dança, gengibirra e música, os ladrões são cantados até o amanhecer, acompanhados pelas caixas de Marabaixo, sempre com muita diversão e alegria.

Na passagem:

As canelas vão chutando a saia
Mameluca quer se aparecer
Cantando na festa do Divino
Vou fazer uma prece pr'ele me proteger,

confirma-se que, mesmo no momento de divertimento, dançando e cantando na festa, o lado religioso não é esquecido, pois as preces continuam sendo feitas, visto que a festa é, afinal, para louvar o Divino Espírito Santo. A canção segue com os versos

São Benedito, ó meu santo bendito
São Joaquim, manda uns versos pra mim
Meu São José, padroeiro da minha fé
Rogo a vós
Rogai por nós,

nos quais é feita a menção aos santos protetores, sempre com muito respeito e fervor, em que pese o momento profano, pois a comunidade é protegida pelos santos, os quais conferem o bem estar aos devotos.

Finaliza-se a canção com o famoso ladrão de Marabaixo, que foi atualizado na versão no começo da canção:

Aonde tu vais rapaz
 Por esses caminhos sozinho?
 Vou fazer minha morada
 Lá pros campos do Laguinho.

Os ladrões, segundo Canto (2010, p. 29), “são as músicas nas quais as letras sempre contam uma história de algum membro da comunidade, tirando-lhe “roubando-lhe” a privacidade e trazendo-a a público”. O ladrão da canção é típico nas festas de Marabaixo, por carregar toda uma transmissão de conhecimento a respeito das comunidades negras, suas alegrias e tristezas do passado, registrando o remanejamento das famílias negras para o bairro do Laguinho. Assim, o eu-lírico transmite uma tradição cultural por meio de fatos históricos referentes ao povo afroamapaense, que não pode deixar de ser mencionado quando fazemos referência à população do bairro Laguinho.

Cascudo aponta que o “ ‘ladrão’ na maioria das vezes é ‘velho na memória do povo, anônimo na sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais’ ” (1967, p. 13). Grande é o repertório de ladrões de Marabaixo no Estado do Amapá, que servem como documentos históricos que representam a forma de expressão e de resistência do povo negro frente às imposições, atitudes racistas e discriminatórias do governador Janary Gentil Nunes e da Igreja Católica contra o povo afro-amapaense, sua história e culturas (PIEDADE, 2009, p. 139).

No ladrão “Nosso Folclore, nossa cultura” (Vera Maria N. Silva), o eu-lírico enuncia nos versos:

Vamos balançar a nossa gente
 Fazendo Marabaixo com swing diferente
 Dançando nas praças
 Cantando nas ruas
 Esse é nosso folclore
 Essa é nossa cultura

a difusão cultural do Marabaixo, expondo que quem participa da manifestação cultural religiosa Marabaixo, ao dançar nas praças, cantar nas ruas, busca envolver e mostrar a todos o valor do Marabaixo – cultura que faz parte do nosso folclore, ou seja, é nossa cultura popular, identidade social do povo amapaense, pelo que se dá uma rica transmissão de valores históricos da tradição cultural africana enraizada nas famílias afroamapaenses.

O Marabaixo é então apresentado como ritmo festivo que envolve o povo, mas sempre com um propósito religioso, que é homenagear o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade. A gengibirra, bebida energética nesse contexto, é presente para que os participantes aguentem dançar e cantar por muitas horas seguidas. Podemos comprovar as palavras do eu-lírico nos versos:

Ritmo quente
 Que balança a cidade
 Vai tomando gengibirra
 Salve a Santíssima Trindade
 Ritmo quente
 Que ecoa pelos cantos
 Vai tomando gengibirra
 Salve o Divino Espírito Santo.

No ladrão intitulado “De Janeiro a Dezembro”, o eu-lírico deixa clara a admiração à linda festa, que é reunir as comunidades quilombolas, onde “a alegria é a união dos irmãos.” A letra cita Mazagão, município que fica localizado no Sul do Estado do Amapá, lugar onde há forte presença de comunidades quilombolas, descendentes de negros oriundos da Mazagão africana, que era situada ao norte da África, onde se localizam Marrocos e Mauritânia.

Nos versos “De janeiro a dezembro/ Sagrado vamos louvar”, o eu-lírico registra a devoção/louvor ao sagrado, durante todos os meses do ano, sendo assim preservado o lado sagrado. Assim, dançar o Marabaixo constitui uma demonstração de festejar o sagrado, valorizando sua importância, de manter a fé por meio da comemoração.

Mais adiante, temos os versos

Pedimos próspero mundo
 Deus não deixa seus irmãos
 Maior pecado é a morte
 Outra vida é a salvação,

nos quais o eu-lírico ressalta a prosperidade no mundo para um conjunto mais amplo de comunidades, isto é, um afortunado mundo que é pedido a Deus, e que certamente Deus concederá, pois Ele não deixa o seu povo. Nesse caso, a morte é a punição aos pecadores, onde outra vida é a salvação e o religioso é presente como garantia de uma vida melhor com a crença em Deus, como afirma Weber (1969, p. 328): “as ações cuja motivação é religiosa ou mágica aparecem em sua existência primitiva, orientadas para este mundo. As ações religiosas ou mágicas devem realizar-se para que ‘vós bem e viva longos anos sobre a terra’ ”.

No trecho a seguir:

O vento leva a palavra
 Eu não posso constatar
 O vento leva as palavras
 Eu não posso confirmar
 E volto a se preocupar
 Cuidando de registrar
 Jesus Cristo é o rei do mundo
 Não se esqueça dos meus irmãos
 Do Estado do Amapá
 E ore por Mazagão,

surge o envolvimento com nomes sagrados como Jesus Cristo, o filho de Deus, a quem o eu-lírico recorre, caracterizando-o como rei do mundo, pedindo que Ele não esqueça seus irmãos do Estado do Amapá e que ore por Mazagão. Tudo isso é registrado no ladrão, onde há a preocupação em deixar visível a questão religiosa e a devoção.

Todos junto reunido⁹
 Queremos consagração
 Falamos desta palavra
 Falamos dos meus irmãos
 Agradecemos Jesus Cristo
 Por favor, me dê sua mão
 Vamos ficar nesta terra
 Todos junto em comunhão.

Assim, todos restam reunidos para fazer o voto religioso e sagrado, tratando dos irmãos e da união do povo, agradecendo a Jesus Cristo, com o desejo de estar nesta terra em comunhão e paz, sempre com a proteção divina.

No início do ladrão “Terra das Bacabeiras” (Daniela Ramos), onde se lê

É festa de preto
 Negro canta com fé
 Agora eu vou dar um viva
 Ao padroeiro São José,

são revelados os festejos dos afrodescendentes, sem deixar de lado a devoção e a fé a um padroeiro, nesse caso, São José, santo da Igreja Católica. Há ainda no trecho a presença da fé, do apego e da importância daquele santo para a vida da comunidade (a cidade de Macapá).

Os festejos têm sempre a dança como expressão da cultura do Marabaixo, sempre motivo de orgulho, como é notório nos versos:

Dança, dança, dança negro

⁹ A canção tem um registro oral que se configura no texto escrito aqui neste trabalho.

Dança, dança e vem mostrar
 Vem te orgulhar da cultura
 Do estado do Amapá
 As bênçãos meu São José
 Padroeiro da nossa terra Macapá.
 O eu-lírico segue trazendo os versos
 Na terra das Bacabeiras
 Quantas coisas lindas há
 Padroeiro São José
 Abençoe Macapá,

mostrando que Macapá, terra das Bacabeiras (termo derivado de “Macapaba”, daí terra das bacabeiras), é mesmo um lugar de extrema beleza.

Mais adiante, na passagem

Macapá terra tão linda
 Aqui nasci me criei
 E foi pelos teus encantos
 Que eu me apaixonei,

o eu-lírico declara seu amor a Macapá, apresentando assim seu laço com a terra, que por ela foi encantado, levando seu canto por onde for. Carregando dentro do peito o sentimento puro de cantar a sua terra com grande e profundo amor, o eu lírico roga a proteção de São José, exaltando-o para que proteja também a cidade de Macapá, como mostram os versos:

Meu São José padroeiro
 A ti venho exaltar
 Venho rogar proteção
 à terra de Macapá.

No ladrão “Ciclo do Marabaixo” (Comunidade Mazagão Velho), o eu lírico inicia tratando da grande festa cultural que é o Marabaixo, do prazer de difundir essa grande manifestação cultural, sempre abordando seu lado religioso, ressaltando a Santíssima Trindade. Há o momento de louvação, colocando a “Santíssima” (Trindade) como padroeira da riqueza que produz o Amapá. Tais afirmações são comprovadas nos versos,

Quando abrem-se as cortinas
 E todo palco pra cantar
 Cultivou minhas raízes
 Marabaixo eu vou mostrar

A santíssima santidade
 Que hoje venho aqui louvar
 É patrona da riqueza

Que produz o Amapá.

O eu-lírico segue com os versos

O ciclo do Marabaixo
 Uma manifestação
 Que conta uma história
 Duma antiga geração
 Trazida de suas terras
 Para a escravização
 Esperaram muito tempo
 Até chegar a abolição,

contando a importância do Ciclo do Marabaixo, que consegue oferecer toda uma história do povo negro que foi trazido como escravo de sua terra – povo que muito sofreu até a abolição, até sua “liberdade”, contexto em que a esperança só não foi perdida por ter sido mantida pela fé, pela espera em Deus e nos santos católicos.

Já os versos

Negro cria o Marabaixo
 Com seus versos e ladrões
 Pra contar os seus lamentos
 Ai que dor no coração
 E os seus filhos netos
 Que herdaram essas missões
 De darem continuidade
 Às futuras gerações
 E com todos seus esforços
 A cultura se expandiu
 E agora é conhecida dentro e fora do Brasil

reforçam a importância do Marabaixo para o negro, seu criador, que com seus versos e ladrões que registram seus lamentos e suas angústias. Passa-se, assim, para as gerações futuras sua cultura. Serão esses novos membros familiares os responsáveis por dar continuidade à tradição do Marabaixo, revigorando e expandindo seus valores e suas crenças.

O eu-lírico prossegue a cantiga com o trecho

Não deixo a cultura morrer
 Não deixo a cultura acabar
 Eu sou de Campina Grande
 Do Estado do Amapá,

onde se enfatiza o pertencimento à comunidade quilombola da Campina Grande, no Estado do Amapá, com a tarefa de não deixar a cultura do Marabaixo morrer. Assim, atribui-se ao eu-lírico a tarefa de não permitir que cortem o fio da nossa história e que a tornem invisível: essa seria a maneira de resistir ao preconceito cultural imposto por parte da sociedade, que vê com maus olhos tudo que traz a referência africana. Assim, o eu-lírico reconta através da cantiga sua história.

Na cantiga “Marabaixinho” (Raimunda S. Silva), os versos

O nosso santo é forte
E nos dá inspiração
Para dançar Marabaixinho
Lá do nosso Mazagão

apresentam um eu-lírico que reforça a importância do elemento religioso, quando surge a expressão “O nosso santo é forte”. É dessa força e desse santo que vem a inspiração, a vontade de dançar Marabaixo, que carinhosamente é evidenciado com o diminutivo “marabaixinho”. Os participantes da festa dançam e se envolvem numa comunhão festiva: “Eu vou daqui/ Você vem de lá/ marabaixinho vamos dançar” – é o momento de alegria e agradecimento pelas bênçãos recebidas, pela proteção divina.

Nos versos

O nosso Marabaixinho
Tem bebida de montão
Sem contar que tem um caldo
Doado de coração [...]
O nosso Marabaixinho
É bonito é de verdade
Já faz parte da cultura
Da nossa comunidade [...]
Para nós não tem ressaca
Aqui só tem animação
O que vale é a alegria
No coração de cada irmão,

o eu-lírico continua a exaltar o Marabaixo, como uma grande festa de negras tradições, costume que não pode ser deixado de lado, como a presença da bebida e do caldo, que é preparado e doado com muito carinho por membros da comunidade e distribuído entre os celebrantes, momento em que não pode faltar animação, sendo tradição por ter se enraizado no estado do Amapá. Presente desde a construção do Amapá, o importante nesse festejo é a alegria da comunidade, que cada membro, que o eu-lírico trata como irmão, como integrante

da família, da comunidade tenha motivos para comemorar o Marabaixo. Trata-se de é um momento de celebração das conquistas alcançadas, do reconhecimento do Marabaixo como importante à nossa cultura.

CONCLUSÃO

A cultura tem papel vital para a construção e consolidação de qualquer sociedade. Como a formação cultural do Brasil passa pelo processo histórico da miscigenação, diversos povos constituem nosso Brasil, como indígenas, africanos, imigrantes europeus e asiáticos. Logo, a diversidade cultural brasileira é grande.

Realizar a análise literária dos textos das canções (música popular amapaense) e dos ladrões (cantigas) de Marabaixo, por representarem a cultura de um meio social através de múltiplos discursos, histórias, é justificar, registrar e transmitir a condição cultural do Amapá, tendo então a valorização do material significativo examinado nesta pesquisa como formador da identidade cultural amapaense.

Na formação cultural e social do Amapá, a questão religiosa é fortemente presente e se mostra importante em cada canção amapaense, em cada ladrão/cantiga de Marabaixo, pois cada letra faz menção à força religiosa e à devoção a santos católicos, forma pela qual a comunidade se identifica com seu espaço e seus elementos culturais, com a celebração em torno do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade. Trata-se de uma tradição de fé mantida por décadas e que continua até hoje, apesar do preconceito social, discriminação e de todos os obstáculos enfrentados no decorrer dos anos.

O sincretismo religioso é observado nas letras aqui tratadas, que descrevem os cultos afro-brasileiros e suas crenças, em que pese a forte influência da Igreja Católica e seus ritos na prática religiosa dos negros, que utilizaram o culto católico aos santos como solução para a continuação de suas crenças, práticas religiosas de raízes africanas sem sofrerem punições. De maneira sincrética, os santos protegem as comunidades para o bem de quem lhes dedica tem devoção em favor de proteção.

Utilizar e estudar as letras das canções e ladrões de Marabaixo é estar mais perto da história do nosso povo e das aflições que a nação negra sofreu, sendo notória a importância do elemento religioso para a superação e a esperança da comunidade em dias melhores. No Estado do Amapá, na cultura oral, o viés religioso sempre foi forte na comunidade amapaense, já que sempre houve o envolvimento da população em celebrações religiosas, considerando a valorização do sagrado desde o período colonial.

Mas por muitos anos essa prática foi negada aos negros, que lutaram para poder cultuar suas divindades, a fim de mostrar sua fé e religiosidade, num esforço de preservar sua

cultura africana e manter vivas e presentes suas tradições. Na formação do estado do Amapá, os negros trouxeram consigo seus costumes, crenças, conciliando suas tradições com os princípios católicos – mesmo assim, construíram sua identidade cultural em território amapaense.

Nesse contexto, o Marabaixo ocupa lugar de destaque e referência em nossas tradições, sendo uma das maiores manifestações culturais de nosso Estado. As canções aqui analisadas são nossos registros, são significativos na transmissão da herança cultural do Amapá e contribuem para uma formação de identidade cultural, que não se pode ignorar sob o risco de negligenciar nossa própria história.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Carta de Lei de 25 de março (1824). *Constituição Política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em <http://www.dircost.unito.it/cs/docs/Brasile%201824.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2017.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CANTO, Fernando. *A água benta e o Diabo*. 2ª ed. Macapá: Fundação de Cultura do Estado do Amapá, 1998.
- CANTO, Fernando. *Adoradores do sol: novo textuário do meio do mundo*. São Paulo: Scortecci, 2010.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1967). *Folclore no Brasil – notas e pesquisas*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- COELHO, Helen Costa. *Discurso religioso nos ladrões de Marabaixo: relações culturais na constituição do sujeito-fiel*. Macapá: Programa de Pós-graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional/UNIFAP, 2015. Dissertação (mestrado).
- COSTA, Nelson Barros da. “As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária”. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.107- 121.
- DURKHEIM. E. *Educação e sociologia*. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 47. ed. São Paulo: Globo, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARTINS, Benedito Rostan Costa. *Marabaixo, ladrão, gengibirra e rádio: traduções de linguagens de textos culturais*. São Paulo: PUC/SP, 2012. Tese (doutorado).

OLIVEIRA, Alfredo. *Ritmos e cantares*. Belém: SECULT, 2000.

Pe. Luís Erlin, CMF (org.). *Orações para todas as horas – 170 orações para diversas circunstâncias*. 13ª edição. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2007.

RAMOS, Arthur. *As culturas negras no novo mundo*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

ANEXO I - CANÇÕES

ARRAIAL – FERNANDO CANTO E NIVITO GUEDES

Chuva castiga os telhados	Barraquinha de pescaria
Vento balança as mangueiras	Tira no alvo
Para os frutos a fome derrubar	Ou na argola pra você
Serpentear entre cantos da procissão	Presente doce na mordida da maçã
Bota fé no seu santo	Todo o amor
Que abençoe e proteja esse chão	Ao meu bem querer
Obrigação está feita	
É hora de alegria e festa	Arraial
Brincadeiras, canoinhas	vou caboquiar mulher
Raspa, raspa, suco de groselha	Beijo a moça e o padroeiro São José
Mulher gorila	Arraial
Mão naquilo, mão na mão	Vou caboquiar mulher
Equinócio, pororoca, tradição	Lá vem o santo em seu andor trazendo a fé
Arraial	Fui passear com a sereia
vou caboquiar mulher	Bicho do fundo levou
Beijo a moça e o padroeiro São José	Corre sangue pela veia
Arraial	No coração deixa dor
Vou caboquiar mulher	(CD: Coletânea – Nivito Guedes, 2012)
Lá vem o santo em seu andor trazendo a fé	

FESTEJO – JOEL ELIAS

Corre menino	É tanto devoto
Chama o Munjoca ,	Levando a bandeira
hoje é dia do senhor	Que a trindade abençoou
É tanto devoto	
Levando a bandeira	Entoando a morandadeira
Que a trindade abençoou	Na boca e na fé do ancião
	Chegando com a ladainha
Bonito o folguedo e festejo	No compasso do coração
Na casa de tia Biló	Chegando com a ladainha
Um gole de gengibirra	No compasso do coração
A dança fica melhor	Lê lê, lê Lê ô
Um gole de gengibirra	Lê lê, Lê lê lê lê ô
A dança fica melhor	Lê lê, lê Lê ô
	Lê lê, Lê lê lê lê ô
Corre menino	
Chama o Munjoca,	Simbora José com a murta na mão
hoje é dia do senhor	E gira no pé a nossa tradição.

PEDRA DO RIO – OSMAR JÚNIOR

Pedra do rio	O tempo se passou
Que encantava meu povo	
Pureza que o tempo exterminou	Ao raiar o dia
A fé que a água levou	Tinha romaria
Pedra do rio rolou	Arraiá que festa
Em água, lamas e lamentos	Era noite e dia
Meu povo mudou	

Outra pedra surgiu	Protegei meu Macapá
frente aquele horizonte	São José da beira mar
Mas ninguém tem mais fé	Protegei meu Macapá
Na nova pedra do rio	
	Nos dê a fé
Ao raiar o dia	Nos dê a fé
Tinha romaria	
Arraiá que festa	Meu São José da beira mar
Era noite e dia	Protegei meu Macapá
	São José da beira mar
Meu São José da beira mar	Protegei meu Macapá.

GOGÓ DO NEGÓ – JOÃOZINHO GOMES E ZECA BALEIRO

Amanhã é dia santo	Marcolina
Dia de corpo de Deus	
Êêêêê	Canta o batuque
Marcolina	Que tu me pediste
Quem tem roupa vai a missa	Tu que batucas
Quem não tem faz como eu	Um lindo lundum
Êêêêê	batuque assim
Marcolina	acho que não existe
Amanhã eu vou embora	e toca fundo
segunda-feira de aurora	Em qualquer baticum
Ê êêêê	Bate com força
Marcolina	Que o couro resiste
Quem não me conhece chora	Toca na feira de Caruaru
Que dirá que me namora	Os pandeirões
Ê êêêê	Que deveras ouviste

em mão de negros do Curiaú

Olha o som nagô

no gogó do nego

É mão de santo no bongô

Nega fulô e seu chamego

no baque agudo do agogô

Canta o batuque

Que tu me pediste

Tu que batucas o manacaru

Tomara que tu contentes ou triste

Do Leste a Oeste

De Norte a Sul

O maracá que no Congo ouviste

De cá te mando pra catimandu

Mando-te cá

O que tu me pediste

Coco no samba ao tambor banto

Olha o som nagô

no gogó do nego

É mão de santo no bongô

Nega fulô e seu chamego

no baque agudo do agogô

(CD: Zulusa Patrícia Bastos – 2013)

NO LAGUINHO – PAULO BASTOS

Quando fiz minha morada no campo

Só pensava em trabalhar

Mas a tristeza amiúde

Me deu colo

Me fez má

Lá prantei o lírio roxo

Que as folhinhas arranquei

Em troca dei meus sentidos morena

Pra rosa que eu serenei

Em troca dei meus sentidos morena

Pra rosa que eu serenei

Eu vou fazer minha casa

Nos campos do laguinho

Vamos criar uma nova nação

Na nossa ceia comeremos pão

Beberemos vinho

Pra não esquecer que somos cristãos

E se o sol sumir bem de mansinho

Da lua ele quer se esconder

Vai chegando a festa do divino

Vou cantar ladrão até o amanhecer

As canelas vão chutando a saia

Mameluca quer se aparecer
Cantando na festa do divino
Vou fazer uma prece pr'ele me proteger

São Benedito, ó meu santo bendito
São Joaquim manda uns versos pra mim
Meu São José, padroeiro da minha fé
Rogo a voz

Rogai por nós

Aonde tu vais rapaz
Por esses caminhos sozinho?

Vou fazer minha morada
Lá pros campos do laguinho

(CD: Zulusa Patrícia Bastos – 2013)

ANEXO II - LADRÕES DE MARABAIXO

NOSSO FOLCLORE, NOSSA CULTURA – COMUNIDADE MAZAGÃO VELHO

Lê, lê, lê, lê	Ritmo quente
La la iá, la iá.	Que balança a cidade
	Vai tomando gengibirra
Vamos balançar a nossa gente	Salve a Santíssima Trindade
Fazendo Marabaixo com swing diferente	Ritmo quente
Dançando nas praças	Que ecoa pelos cantos
Cantando nas ruas	Vai tomando gengibirra
Esse é nosso folclore	Salve o Divino Espírito Santo
Essa é nossa cultura	
Lê, lê, lê, lê	Lê, lê, lê, lê
La la iá, la iá.	La la iá, la iá.

DE JANEIRO A DEZEMBRO – VERA MARIA N. SILVA

Festa linda	Consagrado é seu nome
A festa deste lugar	Por causa dos meus irmãos
Juntando as comunidades	Dançando o Marabaixo
Chamo agora pra dançar	Juntando com meus irmãos
A alegria é a união dos irmãos	Dançando o Marabaixo
Hoje que parabeniza	E junto aos meus irmãos
É o povo de Mazagão	
	De janeiro a dezembro
De janeiro a dezembro	Sagrado vamos louvar
Sagrado vamos louvar	Temos a parte profana
Temos a parte profana	A dança vai começar
A dança vai começar	

Pedimo próspero mundo
Deus não deixa seus irmãos
Maior pecado é a morte
Outra vida é a salvação

De janeiro a dezembro
Sagrado vamos louvar
Temos a parte profana
A dança vai começar

Consagrado é seu nome
teu carinho eu vou te dar
Falando da tradição
Amigos eu vou contar
Falando da tradição
Amigo vou te contar

De janeiro a dezembro
Sagrado vamos louvar
Temos a parte profana
A dança vai começar

O vento leva a palavra
Eu não posso constatar
O vento leva as palavras
Eu não posso confirmar
E volto a se preocupar
Cuidando de registrar

De janeiro a dezembro
Sagrado vamos louvar
Temos a parte profana
A dança vai começar

Jesus Cristo é o rei do mundo
Não se esqueça dos meus irmãos
Do estado do Amapá
E ore por Mazagão

De janeiro a dezembro
Sagrado vamos louvar
Temos a parte profana
A dança vai começar

Todos junto reunido
Queremos consagração

Falamos desta palavra
Falamos dos meus irmãos

De janeiro a dezembro
Sagrado vamos louvar
Temos a parte profana
A dança vai começar

Agradecemos Jesus Cristo
Por favor me dê sua mão
Vamos ficar nesta terra
Todos junto em comunhão

De janeiro a dezembro
Sagrado vamos louvar
Temos a parte profana
A dança vai começar

Tá chegando esta hora
Eu tenho que me preocupar

Vou falar com meus amigos
Boa noite eu vou dar

De janeiro a dezembro
Sagrado vamos louvar
Temos a parte profana
A dança vai começar

TERRA DAS BACABEIRAS (DANIELA RAMOS)

É festa de preto
Negro canta com fé
Agora eu vou dar um viva
Ao padroeiro São José

Dança, dança, dança negro
Dança, dança e vem mostrar
Vem te orgulhar da cultura
Do estado do Amapá
As bênçãos meu São José
Padroeiro da nossa terra Macapá

Na terra das bacabeiras
Quantas coisas lindas há
Padroeiro São José
Abençoe Macapá

Macapá terra tão linda

Aqui nasci me criei
E foi pelos teus encantos
Que eu me apaixonei

Na terra das bacabeiras
Quantas coisas lindas há
Padroeiro São José
Abençoe Macapá

Minha terra maravilhosa
Declaro-te meu amor
Ecoarei o meu canto
Pelo mundo e onde eu for

Na terra das bacabeiras
Quantas coisas lindas há
Padroeiro São José
Abençoe Macapá

Carrego dentro do peito
O sentimento mais puro
De cantar a minha terra
Com imenso amor profundo

Na terra das bacabeiras
Quantas coisas lindas há
Padroeiro São José
Abençoe Macapá

Açucena da Amazônia
Te abro meu coração
e vou te contar tua história
Nos versos da tradição

Na terra das bacabeiras
Quantas coisas lindas há
Padroeiro São José
Abençoe Macapá

Meu São José padroeiro
A ti venho exaltar
Venho rogar proteção
à terra de Macapá

Na terra das bacabeiras
Quantas coisas lindas há
Padroeiro São José
Abençoe Macapá

CICLO DO MARABAIXO (COMUNIDADE MAZAGÃO VELHO)

Quando abrem-se as cortinas
E todo palco pra cantar
Cultivou minhas raízes
Marabaixo eu vou mostrar
A santíssima santidade
Que hoje venho aqui louvar
É patrona da riqueza
Que produz o Amapá
O ciclo do Marabaixo
Uma manifestação
Que conta uma história

Duma antiga geração
Trazida de suas terras
Para a escravização
Esperaram muito tempo
Até chegar a abolição
Negro cria o Marabaixo
Com seus versos e ladrões
Pra contar os seus lamentos
Ai que dor no coração
E os seus filhos netos
Que herdaram essas missões

De darem continuidade
às futuras gerações
e com todos seus esforços
a cultura se expandiu
e agora é conhecida dentro e fora do
Brasil

Não deixo a cultura morrer
Não deixo a cultura acabar
Eu sou de Campina Grande
do estado do Amapá

Eu vou, vou mostrar Marabaixo

Marabaixo é cultura
E também nossa dança popular
Eu vou cultivar minhas raízes
Fazer povos felizes
Dentro e fora do estado Amapá
Eu vou,
Eu vou mostrar Marabaixo
Eu vou

Não deixo a cultura morrer
Não deixo a cultura acabar
Eu sou de Campina Grande
do estado do Amapá

MARABAIXINHO (RAIMUNDA S. SILVA)

Ei galera vamos nessa
Se gostar é só ficar
Hoje é dia de alegria
Marabaixinho vamos dançar

Eu vou daqui
Você vem de lá
Marabaixinho vamos dançar

Vamos nessa meus amigos
Com alegria e carinho
É 25 de agosto
e dia de marabaixinho

Eu vou daqui

Você vem de lá
Marabaixinho vamos dançar

O nosso santo é forte
E nos dá inspiração
Para dançar marabaixinho
Lá do nosso Mazagão

Eu vou daqui
Você vem de lá
Marabaixinho vamos dançar

O nosso marabaixinho
Tem bebida de montão
Sem contar que tem um caldo

Doado de coração

Eu vou daqui

Você vem de lá

Marabaixinho vamos dançar

O nosso marabaixinho

É bonito é de verdade

Já faz parte da cultura

Da nossa comunidade

Eu vou daqui

Você vem de lá

Marabaixinho vamos dançar

Para nós não tem ressaca

Aqui só tem animação

O que vale é a alegria

No coração de cada irmão

Eu vou daqui

Você vem de lá

Marabaixinho vamos dançar

Marabaixinho é coisa nossa

E cultiva as amizades

Sempre presta homenagem

Aos amigos de verdade

Eu vou daqui

Você vem de lá

Marabaixinho vamos dançar

Essa essa homenagem

É feita com emoção

Aos nossos grandes amigos

Lá do nosso Mazagão

Eu vou daqui

Você vem de lá

Marabaixinho vamos dançar.

